



escrita

guatá - cultura em movimento

olhos

Amanda de Souza

Áurea Cunha

Estela Valiati

Gregory Max

Harry Schinke

Iara Abreu

Jaq Gimenez

Lalan

Letícia Lichacovski

Lucas Minatti Attuy

Marcus Venícius

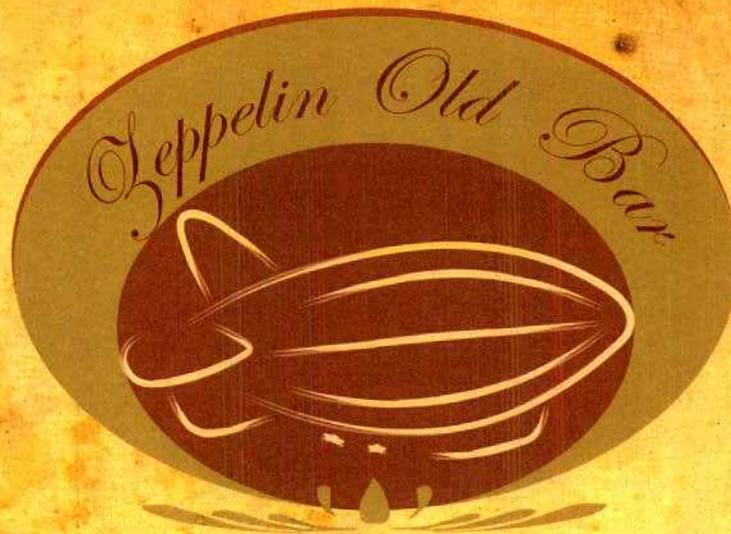
Natália Carolina

Renato Fumê

Rogério Silva

palavra

Alana Carla Borges, Alexandre Palmar, Alissa Gotfried, Andréa Motta, Carlos Luz, Maria Theolina Welter, Paulo Bogler, Paulo Leminski, Rodrigo Garcia Lopes, Silvio Campana, Sonia Justina Barreto, Suellen Moraes, Tadeu Paniágua, Vanessa Campos Rocha, Walmor Marcelino, Wemerson Augusto



Um vôo de boa música e descontração

Reservas pelo tel.: (45) 3523.1804

Rua Major Raul de Matos, 222, Vila Yolanda, Foz do Iguaçu, Pr.

CENTRO-1

Edmundo de Barros, 24, esquina com Brasil
Fone: 3028.9803 - Atendimento 24h
Todos os dias da semana, inclusive feriados

CENTRO-2

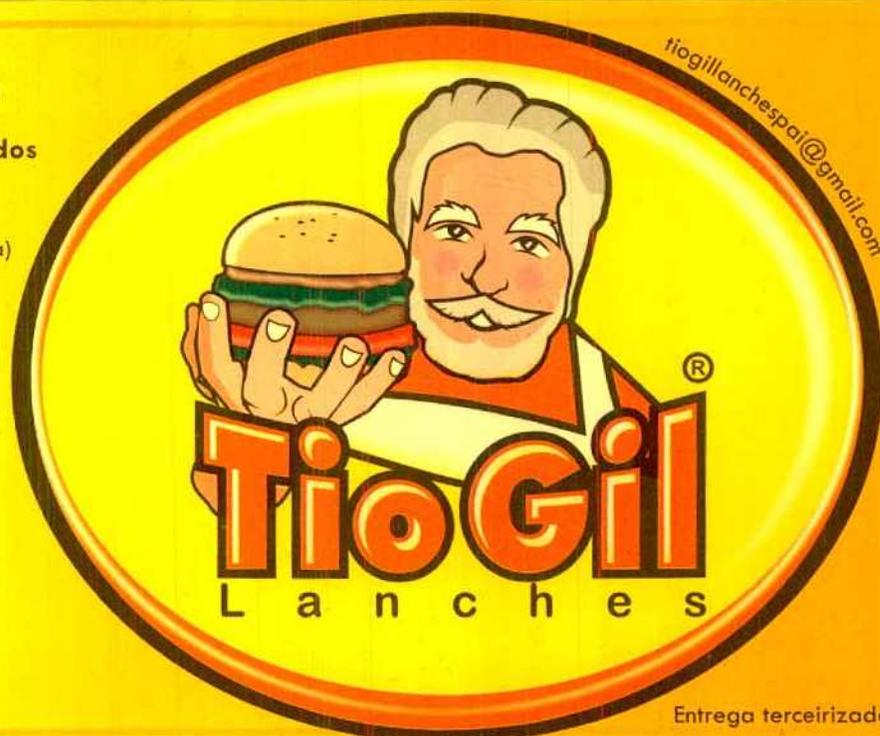
Santos Dumont, 1213 (ao lado da igreja Ceifa)
Disk Entrega: 3027.5583
Segunda a Sábado: das 9 às 23h30
Domingos e feriados: das 17 às 23h30

REPÚBLICA

República Argentina, 3567
Disk Entrega: 3025.1330
Segunda a Sábado: das 7 às 24h
Domingos e feriados: das 17 às 24h

VILA PORTES

Fagundes Varela, 962
Fone: 3028.9811
Segunda a Sexta: das 6 às 18h
Sábado: das 6 às 16h30



Entrega terceirizada

Paulo Leminski

O indispensável in-útil

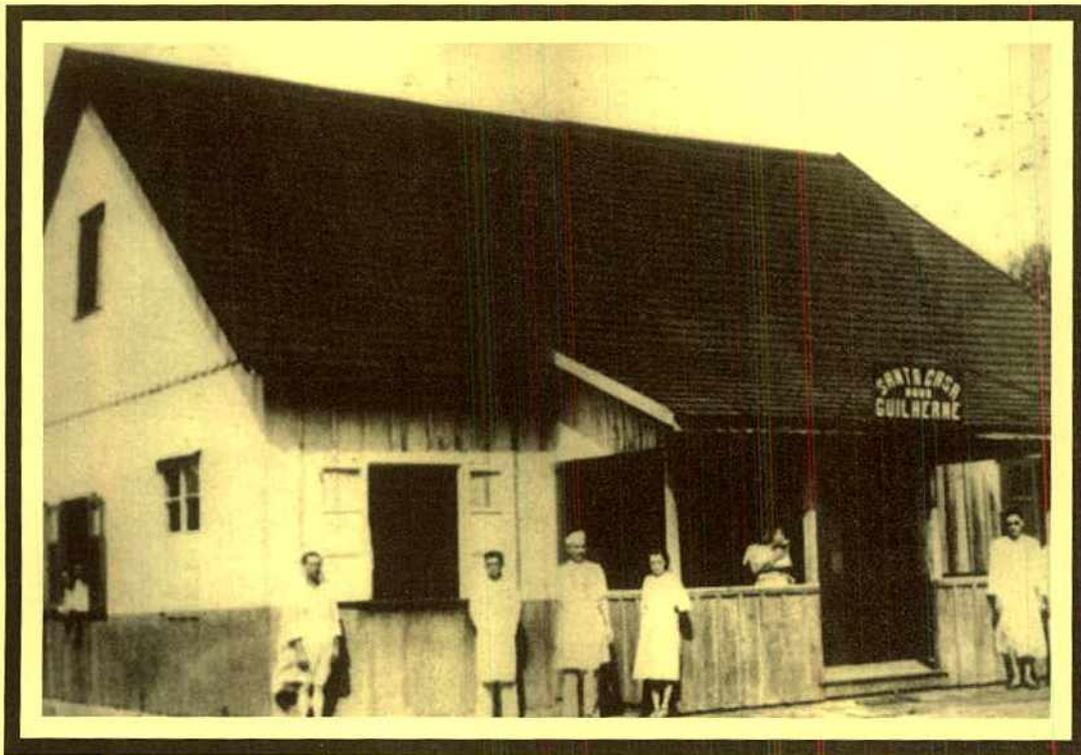
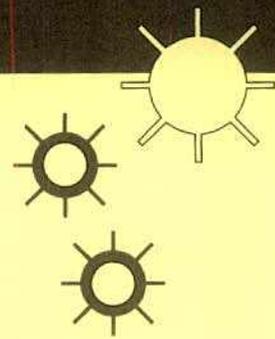
As pessoas sem imaginação estão sempre querendo que a arte sirva para alguma coisa. Servir. Prestar. O serviço militar. Dar lucro. Não enxergam que a arte (a poesia é arte) é a única chance que o homem tem de vivenciar experiências de um mundo da liberdade, além da necessidade. As utopias, afinal de contas, são, sobretudo, obras de arte. E obras de arte são rebeldias. A rebeldia é um bem absoluto. Sua manifestação na linguagem chamamos poesia, inestimável inutensílio. As várias prosas do cotidiano e do(s) sistema(s) tentam domar a megera. Mas ela sempre volta a incomodar. Com o radical incômodo de uma coisa in-útil num mundo onde tudo tem que dar um lucro e ter um por quê. Pra que por quê?

(in Ensaios e Anseios Cripticos, pág. 79, Polo Editorial do Paraná, 1997)



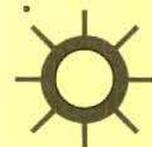
Paulo Leminski, poeta paranaense. Morreu aos 44 anos, em 1989.

"Buda", fotografia de Amanda de Souza, estudante de publicidade em Foz do Iguaçu, Pr.



memória

Década de 40, século XX, primeira fachada da Santa Casa Monsenhor Guilherme. Àquela época, um hospital filantrópico, sem fins lucrativos, construído e gerenciado pela comunidade iguaçuense. Foto atribuída a **Harry Schinke**.



- 03 - Tirando de Letra - Paulo Leminski
- 04 - OLHOS - Memória
- 06 - Poesia - Andréa Motta
- 07 - OLHOS - Renato Fumê
- 08 - OLHOS - Iara Abreu
- 10 - Transver o mundo - Paulo Bogler
- 13 - OLHOS - Gregori Max
- 14 - Poesia - Sonia Barreto
- 16 - OLHOS - Marcus Venícius
- 18 - OLHOS - Lucas Minatti Attuy
- 19 - Narração sem cotovelos... - Suellen Moraes
- 20 - E'Guatá - Museu Bertoni
- 22 - Poesia - Carlos Luz
- 23 - OLHOS - Letícia Lichacovski
- 24 - A mão de Enrique Morán - Walmor Marcelino
- 26 - Poesia - Rodrigo Garcia Lopes
- 28 - OLHOS - Lalan Bessoni
- 29 - Poesia - Tadeu Paniágua
- 30 - Pequeno Tempo - Vanessa Campos Rocha
- 32 - Poesia - Maria Theolina Welter
- 33 - OLHOS - Áurea Cunha
- 34 - Pé de goiaba - Wemerson Augusto
- 35 - OLHOS - Jac Gimenes
- 36 - Palavra & Olhos - Alana Borges/Estela Valiati
- 37 - Poesia - Alissa Gottfried
- 38 - Um toque - Alexandre Palmar

escrita 9



Ciência na mata

No Museu Bertoni, em Puerto Franco, PY, encontra-se parte da rica história do cientista suíço que fez os primeiros estudos sobre a natureza da região das três fronteiras e a cultura guarani, nos primeiros anos do século XX.

Na capa:



"Peixeiro", fotografia de Áurea Cunha, homenageia a simplicidade, a sabedoria e a labuta cotidiana às margens das águas do Paraná e do Iguaçu.

Nesta edição, rendemos homenagem à dois escritores paranaenses. Paulo Leminski, morto há duas décadas, e de Walmor Marcelino, falecido este ano, reproduzimos textos em prosa. De Walmor, um conto que tem como tema a política operária, escrito na década de 70. E de Leminski, um fragmento onde explica como a poesia é essência no ser humano. Emoção expressa que transgride justamente por não ter utilidade num mundo reduzido a utilitários (sejam eles homens ou coisas), delineados apenas para reproduzir formas e sistema(s). Compartilho do conceito, traduzindo-o também no ato de ler. Encaro você, leitor, também como um artista. Que ao folhear esta Escrita, estará redesenhando, reescrevendo, reinventando. E, por isso, transgredindo. Numa palavra, poetando.

☀ **Silvio Campana**

Escrita é uma publicação da **Associação Guatá - Cultura em Movimento**, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131

Revisão: Paulo Bogler - **Foto da Capa:** Áurea Cunha - **Projeto Gráfico:** Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Alexandre Palmar, Alissa Gottfried, Amanda de Souza, Ana Carolina Miskalo, Andréa Motta, Áurea Cunha, Carlos Luz, Cleonice Isabel dos Santos, Estela Valiati, Iara Abreu, Lalan Bessoni, Letícia Lichacovski, Lucas Minatti Attuy, Marcus Venícius, Maria Theolina Welter, Nancy Gonçalves, Paulo Bogler, Renato Fumê, Rodrigo Garcia Lopes, Silvio Campana, Sonia Justino Barreto, Suellen Moraes, Tadeu Paniágua, Vanessa Campos Rocha, Walmor Marcelino, Wemerson Augusto

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal - **Tiragem desta edição:** 2.000 exemplares

Visite-nos: www.guata.com.br / Contate-nos: guata@guata.com.br

Guatá
cultura em movimento

escrita 05



CURSO DE PINTURA & DESENHO

artista plástico
rogerio silva

Agende horário pelos telefones

(45) 99157890 30284292

visite: <http://rogeriosilva2.blogspot.com>

email: rogerioartes@yahoo.com.br



ADVOCACIA

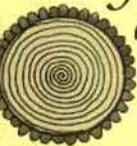
Criminal - Cível - Trabalhista

Fone: (45) 3027.1779

Av. Brasil, 531, Sala 54,

Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.

Oficinas da Casa



CASA DO TEATRO

A arte em boa companhia!

(45)3572.1472

Banca Brasil

Jornais, Livros
& Revistas

Fone: 3523.3181

Av. Brasil, esq. com Quintino

Foz do Iguaçu - Pr.

Andréa Motta

Linha vã

Singra o olhar nas vagas

Incertas do sonho.

Cede à brisa

A vertigem do poema

Uma andorinha voa

No céu da boca.

Cede à tempestade

O imaginário do verso

Fragmentado,

Não é incapaz

De alimentar a palavra

Que se faz rito

Levante

Nua de esperança a noite
desabrocha prenhe de silêncio

em puro desvelo
lamenta o enredo

entregue ao destino
de perene apatia

Resiste o amor.

Nudez

Sob sorrisos
foliões pranteiam
dores apertadas
em miçangas e paetês



Andréa Motta é escritora em Curitiba, Pr.

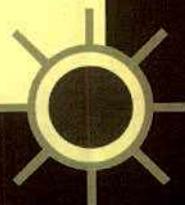


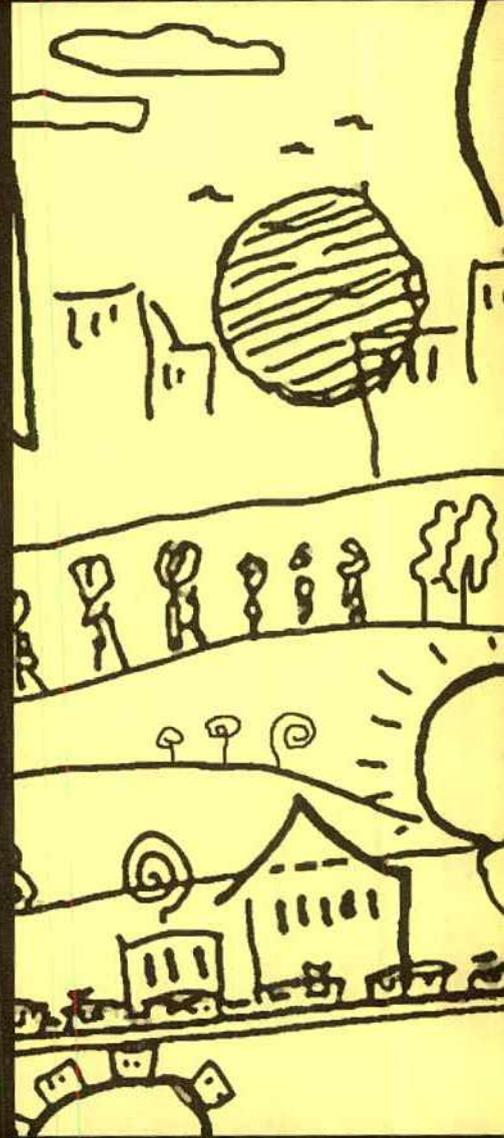
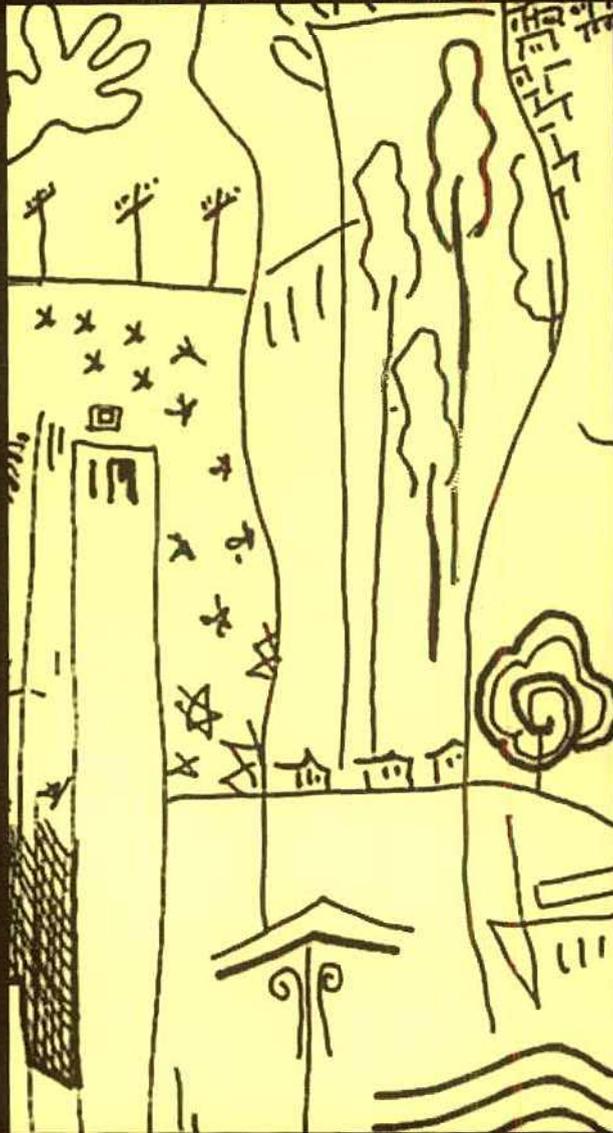
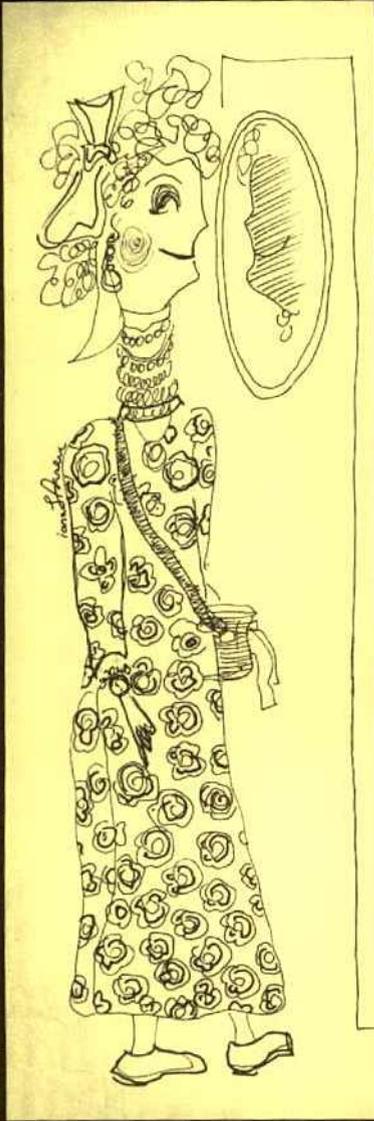
olhos



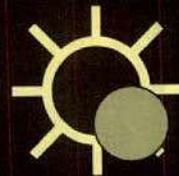
cais

Fotografia de Renato Fumê, músico em Foz do Iguaçu, Pr.

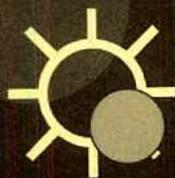




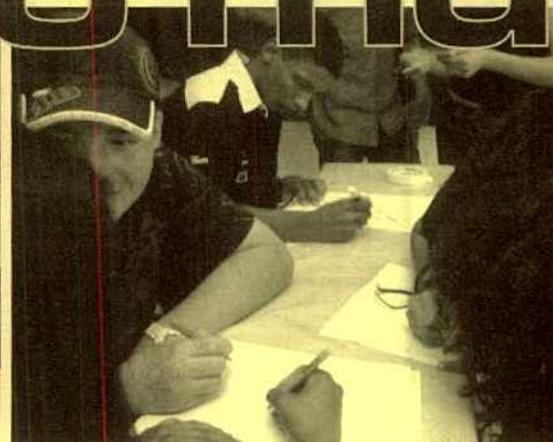
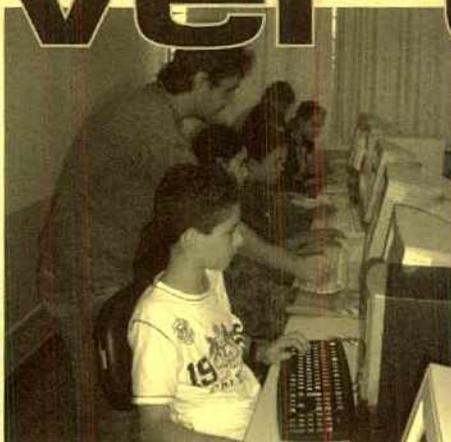
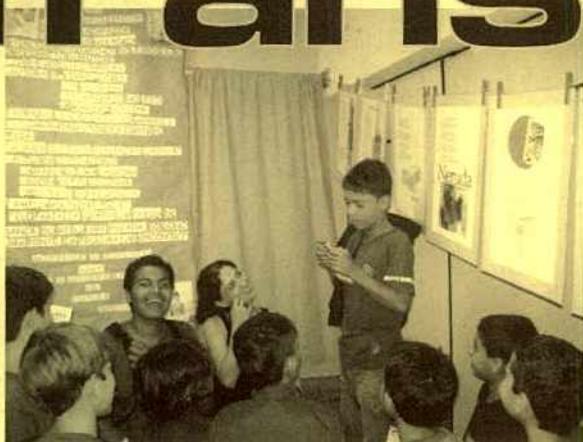
orlo



Iara Abreu é artista visual em Belo Horizonte, MG. Sua temática é a urbanidade, seja em pintura, aquarela ou bico de pena. Os desenhos reproduzidos nesta Escrita, compõem uma exposição itinerante que leva o nome de "Aspectos Urbanos", onde a autora dialoga com poemas escritos por gente de vários pontos do mundo.



Transver o mu



Algazarra geral da garotada quando foram abertas as portas da sala. Era uma tarde chuvosa de sábado, diferente e estranha para os alunos, acostumados a freqüentar a escola nos finais de semana apenas em períodos de reposição de aula. Logo a vozaria dos alunos do Colégio Carlos Drummond de Andrade, localizado numa região popular da cidade, foi substituída pelo trabalho. É mais uma etapa do Programa Tirando de Letra, iniciativa de popularização da leitura, desenvolvida pela Associação Guatá.

A idéia do programa é simples. Uma equipe de mediadores de leitura, acompanhada de artistas e produtores culturais percorre escolas da rede pública de educação, comunidades e espaços de circulação de pessoas. Nestes encontros, são realizadas diversas atividades culturais de incentivo a prática, ao gosto e ao hábito da leitura. A programação é composta de oficinas de formação, círculos de leitura, exposições, varais de literatura, apresentações artísticas, exibições de filmes, palestras e debates. Os

participantes das atividades também podem dispor de exemplares do acervo de livros, revistas e quadrinhos que integram uma pequena biblioteca da Associação Guatá.

A iniciativa escapa aos métodos convencionais de incentivo à leitura, apostando em processos de ativismo cultural, que facilitam o acesso à produção literária. Num ponto de ônibus ou numa praça, em encontros acadêmicos ou artísticos, por exemplo, o público é surpreendido ao receber peças de literatura impressas em materiais e formatos bem diferenciados, atraentes e de fácil leitura.

A metodologia empregada baseia-se nos princípios defendidos pelo professor Paulo Freire (1921-1997), educador popular brasileiro, que apontam para a precedência da leitura do mundo à leitura das palavras. Por isso, o programa combina diferentes meios e linguagens que antecedem ao ato da leitura, como ferramentas de ampliação das visões de mundo e do campo de conhecimento e de

informação do público atendido.

“Muito massa! Engraçados e extrovertidos”, foi o comentário de Ângela Freitas, aluna do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Dr. Arnaldo Busatto, o maior do município. A jovem se refere aos filmes que assistiu durante a sessão de cinema, organizada através do Tirando de Letra, em dez instituições públicas de ensino, para marcar o Dia Internacional da Animação. Com a linguagem audiovisual, a associação estimula os estudantes em suas criações, através de oficinas de formação.

Para o professor Manoel Bueno, diretor auxiliar do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, onde estudam quase dois mil alunos, divididos em três turnos, as atividades mantidas pela Associação Guatá são fundamentais enquanto canais abertos para a expressão de todas as pessoas. “É a única organização da região que combina a comunicação por meio da internet e de impressos para divulgar os produtores nossos, da comunidade. É uma forma interessante de atingir a escola, com

ando pela leitura



“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”
(Paulo Freire, in “A importância do ato de ler”)

materiais simples, mas atrativos, demonstrando que todos podem expressar os seus próprios trabalhos”, afirma Bueno.

O Programa Tirando de Letra é realizado desde o ano de 2007, e atualmente conta com apoios como o do Sindicato dos Jornalistas e da Itaipu Binacional. Além disso, são arrecadados recursos através da comercialização de espaços publicitários, da venda de publicações e de apoio cultural das empresas locais.

LEITURAS DO MUNDO - Folhetos e volantes contendo obras e fragmentos literários são colocados à disposição de estudantes e professores da rede pública. O material também é distribuído gratuitamente em pontos de ônibus, feiras e encontros culturais. Um varal de literatura ou uma exposição de artes visuais se abre em caminhos de circulação de pessoas, como uma praça ou no meio de um pátio da escola.

Nas oficinas de leitura, adolescentes e jovens são inseridos não apenas no mundo

das letras, mas, também, no campo novo e infundável da cultura digital, desafiados a construir os seus próprios canais, através da produção de *blogs* e de outras mídias, articulando diferentes formas e meios de exercício da comunicação.

Valendo-se desses recursos, o Tirando de Letra pretende dessacralizar a leitura e apresentá-la como uma atividade prazerosa, recheada de encantos e conquistas, e não como simples representação comunicativa. Inventando e recriando fórmulas, o projeto conduz o leitor pelo fascinante mundo literário.

O professor Eliandro Avancini, do Colégio Estadual Professor Mariano Camilo Paganoto, desfrutou da experiência de aplicar em suas aulas alguns recursos utilizados pela Associação Guatá. “Reafirmar velhos clássicos da cultura mundial e nacional, entender a cultura local e nativa, e disponibilizar isso de forma democrática, é o papel que associação vem cumprindo”, diz Avancini, assumindo-se como parte desse processo cultural em pleno movimento.

EXPRESSÃO - A empreitada literária da Guatá inclui a edição da Revista Escrita e do portal na internet, destinados a veiculação de conteúdos artísticos e culturais, além de textos e reflexões sobre diferentes temas. Para isso, a entidade conta com a colaboração de autores locais e de muitos outros, de diversas localidades do país e do exterior. São profissionais das artes e pessoas que usam os meios criativos para expressar o seu jeito próprio de enxergar o mundo.

Pelas páginas da Revista Escrita já passaram mais de 300 autores, de escritores prestigiados a fotógrafos de final de semana. Serventes de pedreiro, professores universitários, artistas, estudantes, pintores, jornalistas, uma diversidade de pessoas e origens.

O portal da Guatá também veicula a produção literária, oferece vídeos, exposições virtuais e notícias do gênero. São quase cem mil boletins mensais enviados através de *mailing* eletrônico, que alcançam artistas, produtores, profissionais liberais, professores,



**“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo”.**

(Manoel de Barros, in “Livro Sobre Nada”)

estudantes, empresários, instituições governamentais e do terceiros setor.

ACESSO – A cada número da Revista Escrita lançado, as escolas da rede pública de toda a região são contempladas com exemplares gratuitos, utilizados durante as aulas de artes, literatura e em atividades de leitura. É repassado 40% da tiragem da revista, com o apoio do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Foz do Iguaçu. Graças a esta iniciativa, a Escrita chega a estudantes, professores e bibliotecas das 64 instituições de ensino, espalhadas por 10 cidades da região oeste, área de abrangência do núcleo educacional.

A professora Djeuci da Silva, coordenadora da equipe pedagógica do Núcleo de Educação, conta que as escolas utilizam as edições da Escrita em diferentes trabalhos pedagógicos, principalmente, nas áreas da leitura e da literatura. “As escolas agradecem o recebimento da publicação. No início, as revistas eram encaminhadas para dez escolas escolhidas. Agora, todas as 64 instituições de nossa área de abrangência recebem o material de forma gratuita”, revela Silva. A distribuição, conforme a professora, é feita de acordo com o número de alunos de cada estabelecimento. “São entregues de 30 a 50 exemplares da revista, muito procurados por professores de português e artes”, finaliza.

Além das escolas da região, também são contempladas instituições situadas na área metropolitana de Curitiba, que recebem cerca de 100 exemplares a cada edição, por meio de uma organização social curitibana, parceira da Associação Guatá em projetos culturais. ☀

Livro na mão

Rodrigo dos Santos, 29 anos, atendente de lanchonete, conta sua experiência com o “Tirando de Letra”: “Eu tento ler, apesar da dificuldade de meus olhos, mas o problema maior é horário pra ir até uma biblioteca. Então, quando a Guatá apareceu para facilitar, foi muito bom. A leitura traz conhecimento e traz diversão. Eu gostei muito daquele sobre o Paraguai (“Guerra do Paraguai - Genocídio Americano”, de José Chiavenatto). Gostei também do “Alicate” (conto do paranaense Nilson Monteiro). Hoje eu tenho toda a coleção da “Escrita” e leio uns cinco livros por ano.



Um plano para a leitura

Com o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), reunindo uma série de projetos, programas, atividades e eventos abrangendo a leitura, o livro, a literatura e as bibliotecas, o Governo Federal busca elevar a qualidade leitora no país e trazer a leitura para o dia-a-dia dos brasileiros. Cada brasileiro lê em média 1,8 livro por ano, contra 7,0 da França, 5,1, dos Estados Unidos e 2,4 da Colômbia, conforme a pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”, de 2001. O levantamento também demonstra que apenas 20% da população alfabetizada (com mais de 14 anos de idade) compra livros.

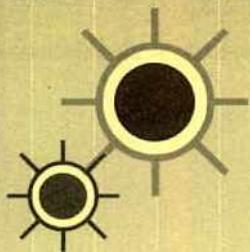
Com o PNLL, o governo espera consolidar e fortalecer políticas e experiências promotoras da leitura espalhadas pelo país, tanto dos governos como as de organizações da sociedade civil.



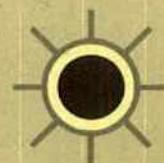
Paulo Bogler, produtor cultural em Foz do Iguaçu, Pr.

**Apenas 20% da população brasileira,
alfabetizada e com mais de 14 anos, compra livros. (IBGE)**

**Cada brasileiro lê em média, menos de dois livros por ano.
(Câmara Brasileira do Livro in “Retrato da Leitura no Brasil”)**



olhos



instante

Fotografia de **Gregori Max**, estudante do ensino médio em Patrimônio Selva, distrito de Londrina - Pr.

COM PALAVRAS

**nada se admira
nem se aclara
rara rara
cada vez mais rala
nesse diálogo mudo
do mundo
onde tudo
a um tempo zera
e conspira**

de amares (1983)

enquanto movo o objeto de meu grito a persi(ana
abrindo-se fendendo a lua neve nave selvagem
viagem que decola no azul do rosto rastro gasto
pela espera frágil pela lentidão do escuro do fôle-
go sirenes perseguindo vândalos enquanto movo
o novo ao sumidouro à esfera do silêncio à mente
no abandono do objeto do desejo teus olhos ancas
livres firmes feito leves aves coxas para suportar
a rapidez da claridade crua branca espádua e cla-
rinosa areia singrando a tepidez da beleza da be-
leza, raiassol, nova gula, beleza que desejo néon
de flores incolores no colo do ciel onde branda
água adormece alga acomodada cris(talina sibili-
na sitiada serena sonora suave eva semeada soli-
tária calma finda linda

rodrigo garcia lopes

MINUTO

**lá vem você
se passando por vento
como se ninguém te visse
lá vem você dublando pensamento
como uma praia que sentisse,

pra perto do riso, do risco, do início
ds ondas, das dunas do espanto,

lá onde o calar fala mais alto
e onde o momento comemora
com um minuto de silêncio.**

O QUARTO FECHADO (whodunit)

O criminoso era o poeta. Seu corpo, pálida página, jazia sobre a mesa, como quem procura um autor. Os suspeitos de sempre: metáforas, paranomásias, figuras de linguagem. Seu corpo ainda pulsava, delirante, e pulsou ainda mais quando encontrou os olhos de seu autor, misturado à memória de uma multidão de pessoas, neste quarto fechado. "Creio ter ouvido sussurros" (a bic silente, inocente, às 9 da manhã. Ela é seu álibi). Sim, você também é testemunha. O poema, esta única pista e evidência. Ele termina. Tudo se ilumina.

A Solidão

**a solidão sempre aparece com beijos & bombons
a solidão faz visitas regulares a seus amigos íntimos**

**a solidão brinca no mar com seus dedos de açúcar
a solidão vive sorrindo pra desconhecidos
a solidão ainda se emociona com filmes antigos na televisão**

a solidão imagina gueixas cujos olhos são borboletas de vidro

**a solidão bebe em meu corpo seu próprio desespero
a solidão adora esconde-esconde e amarelinha**

**a solidão coleciona diários e discos do Coltrane
a solidão usa pijamas de bolinhas e óculos quebrados
a solidão depois do sexo ainda se sente sozinha
a solidão e eu somos apenas bons amigos
a solidão corta meus pulsos com uma gilete de sal**

**depois sai chapada pelas ruas
com uma folha de alface na lapela.**



Rodrigo Garcia Lopes é poeta, músico, jornalista, editor e tradutor em Londrina, Pr.

**lar
gu
em
-me
mi
la
gr
es**

Pela trilha sem folhas
Nossos passos
São as sombras das árvores.

Estranhos a nós mesmos
Surpresos no passeio das sílabas
Trocadas sob o sol de verão

Beijamos o momentâneo
Guardamos nossos espelhos
E simplesmente somos.



quixote

Escultura em metal de Marcus Venícius,
artista plástico em Varginha, MG.

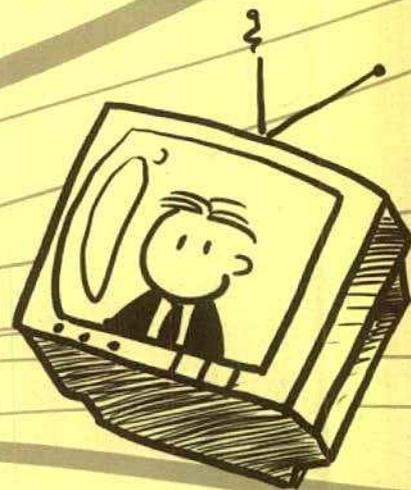
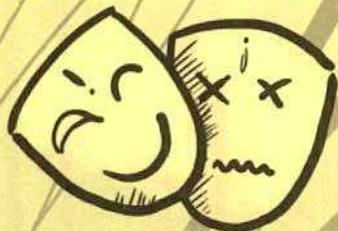


PROPAGANDA

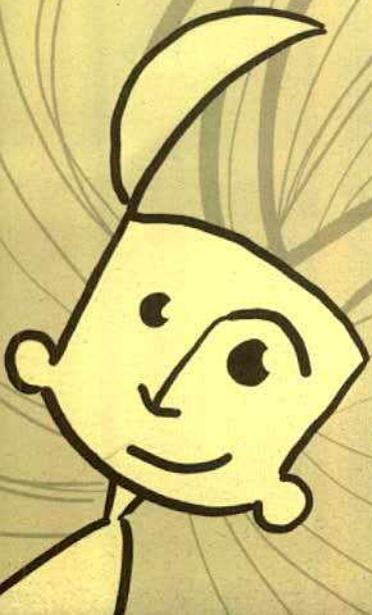
MODERNO



MUNDO

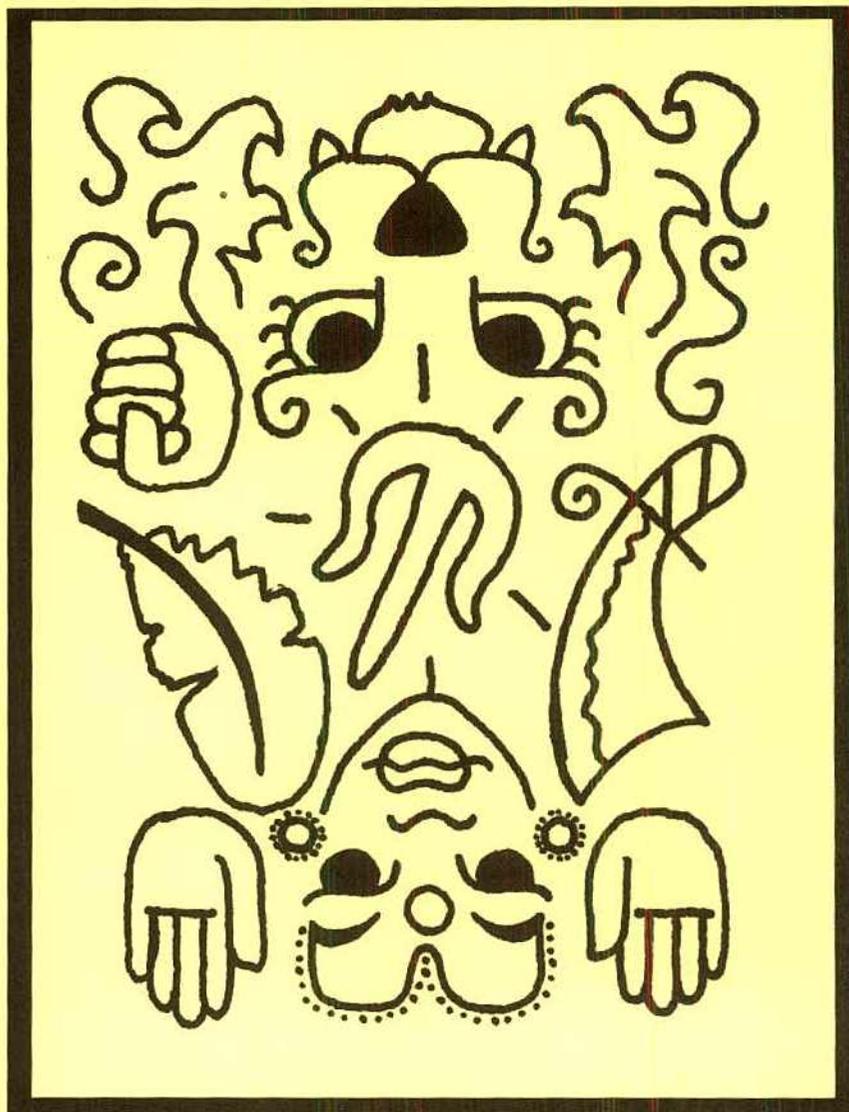


IDEIAS



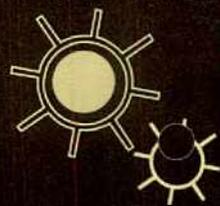
do it
PROPAGANDA

Av. Costa e Silva, 887 - Sala 05 - Jd. Pólo Centro
(45) 3522.2295 / 3028-3933
www.doitpropaganda.com.br

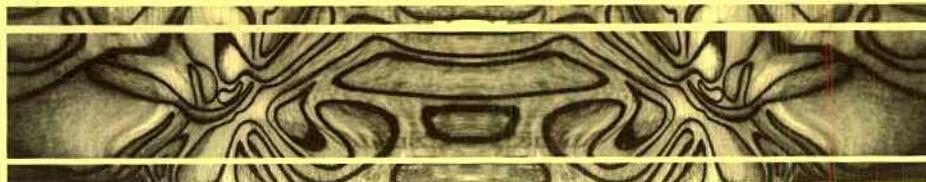


durga

Desenho de Luca Minatti Attuy, artista gráfico em Foz do Iguaçu, Pr. Ele explica que “Durga” é uma guerreira indiana, tradicionalmente representada sobre um leão. Seus vários braços simbolizam, entre outras coisas, paz, resistência e força.



narração sem cotovelos nem joelhos



de Suellen Moraes

Eu não escrevo histórias. Elas também não me escrevem. Tudo são palavras dispersas no papel, algumas vezes fazem sentido, em outras, sentidos não fazem algum. São resultados de momentos vazios. A palavra sou eu, porque vem no momento em que eu não estou aqui, ou ali, ou lá. Minha história não tem fim, nem começo. Uma circunferência rodando em campos infinitos, sem sentido algum. Minha história não tem fatos, nem feitos. Minha história não foi, será na incerteza do não ser. Minha história não tem espaço, nem tempo, nem enredo, nem personagem. Só sensações, nem são sentimentos, são sensações no vazio, um nada no vazio. Um sentido sem corpo e uma vida sem alma, minhas histórias são assim. Sem objetos, sem pessoas, sem tudo do que o mundo é composto, um vazio. Minha história não é uma descrição, é uma imagem, o sentir sem saber, sem perceber. Minha história é uma mentira acreditada, o que não deixa de ser uma verdade, porque a verdade nada mais é do que uma mentira bem contada. Minha história é abstrata e foge, escorre, some. Mas eu não sei escrever histórias, porque só entendo outra língua. O idioma espaço-tempo não funciona. Não narro o passado, porque o futuro pode transformá-lo, o presente faz o futuro e antes que resolva falar do presente ele já foi: passado. Minha história é dupla, tripla, quádrupla e única. Sem peso, sem tamanho, sem começo meio e fim, e muito menos fim meio e começo, sem cor, sem chão, sem saber, sem mancha, sem voz, sem mão.

Minha história é, ponto na outra linha parágrafo



Suellen Moraes é professora de Música em Foz do Iguaçu, Pr.

Impressão digital
laser colorida
Encadernações
Crachás
Cópias

**Til
Reprografia**

til@tilreprografia.com.br
3027 5907 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br



A impressão que faz a diferença

placas - faixas - painéis
fachadas - luminosos
plotagem
impressão digital
sinalização para eventos
totens - letra caixa
personalização de frota

3027-4459

Tracus@zipfoz.com.br

Quintino Bocaiúva, 887
Foz do Iguaçu, Pr.



Kunda

LIVRARIA UNIVERSITÁRIA



- ◆ 50.000 títulos disponíveis
- ◆ Livros raros e importados
- ◆ Livros didáticos e universitários
- ◆ Aceitamos encomendas
- ◆ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ◆ Condições para professores

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br

A mata, um rio e um cientista

Brilhante biólogo, meteorologista, cartógrafo e agrônomo, Moisés Santiago Bertoni se estabeleceu às margens do Rio Paraná no fim do século XIX. Viveu em uma casa incrustada na selva paraguaia onde conduzia suas pesquisas e experimentos cercado pela natureza de incrível variedade e exuberância.

Hoje transformado em museu e aberto à visitação turística, o local abriga dez salas em que o visitante encontra objetos pessoais, manuscritos de livros, cartas e parte da biblioteca de 7 mil livros, jornais, revistas e mapas raros dos séculos XIX e XX, além de uma reconstituição do laboratório e da gráfica usada por Bertoni para imprimir suas publicações.

Até uma estação de correios e telégrafos fora montada pelo suíço para assegurar o envio e o recebimento de produção científica.

Fotos e textos extraídos do site itaipu.gov.br e do "blog de foz".

observações

Horário de atendimento:

De terça-feira a domingo, das 7h30 às 15h

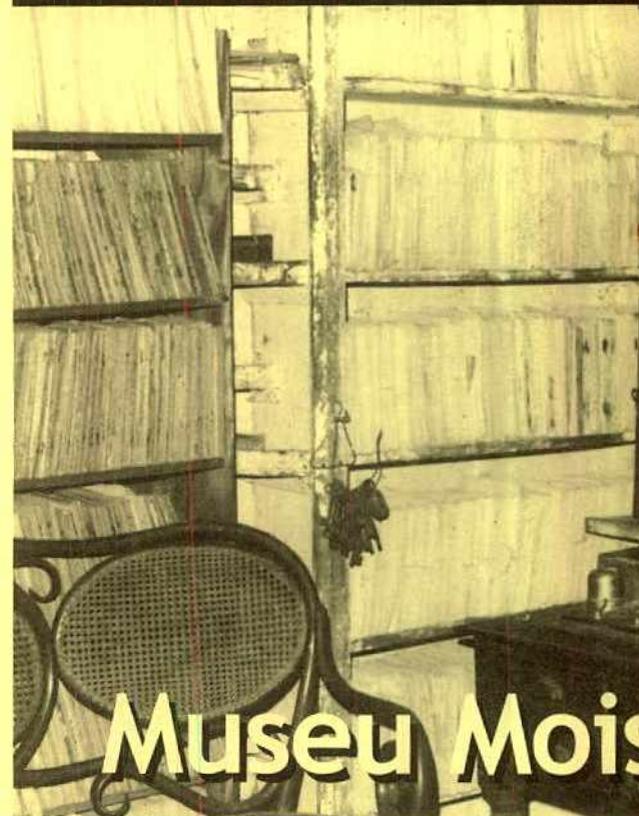
Onde fica:

A 40 km ao Sul de Ciudad Presidente Franco, às margens do Rio Paraná, no Paraguai. O acesso é feito por meio de uma estrada de terra que liga Presidente Franco a Los Cedrales. Ou, então, por água. Os barcos atracam no Porto Moisés Bertoni.

Entrada gratuita

DICA: Deve-se levar água potável, protetor solar e documento de

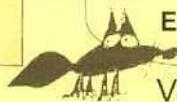
e'guatá
visitar, conhecer, vivenciar.



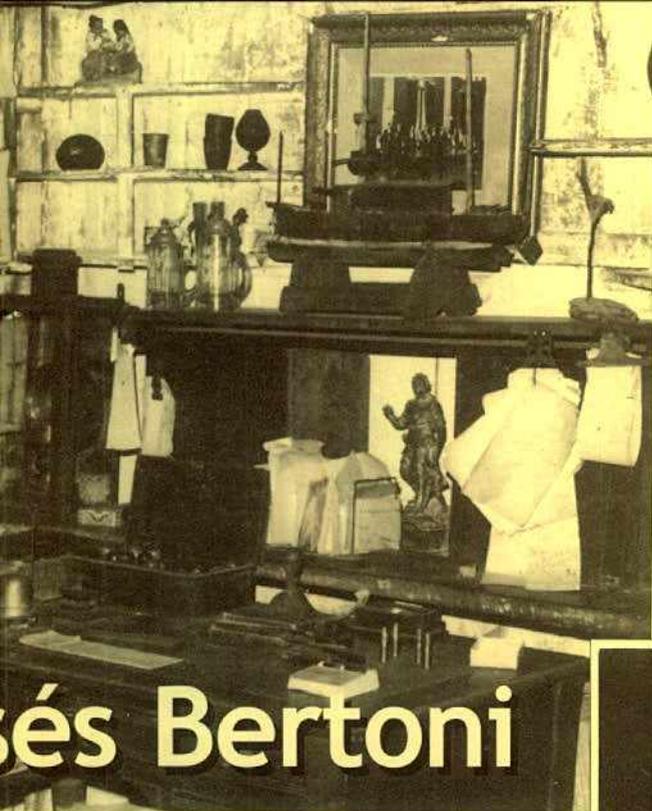
Museu Moisés

Um museu localizado na mata ribeirinha na fronteira, resgata a memória do cientista Moisés Bertoni, o maior cientista que nasceu no Brasil.

Próximo ao museu, o visitante pode também visitar a aldeia M'bya Guarani, povoadores da região.



VISITE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS



Moisés Bertoni

...a ao rio Paraná, do lado paraguaio da
...sta e escritor suíço Moisés Santiago
...Paraguai teve no século XX.
...ém ter contato com a vida dos índios
...ncestrais desta parte da América do Sul.

Moisés Santiago Bertoni nasceu na Suíça, em 1875, e morreu em Foz do Iguaçu, no ano de 1929. O pesquisador investigou de tudo. Da umidade e o vento do lugar por mais de 50 anos, à botânica. Catalogou várias espécies vegetais, entre elas, a Stévia Rebaudiana Bertoni, adoçante natural conhecido como Ka'á he 'pelos guaranis, cultura que Moisés também estudou em suas pesquisas sobre a vida na região lindeira ao rio Paraná. Sobre essa temática, publicou "La Civilizacion Guarani", em três volumes.

Abaixo, Moisés Bertoni (sentado), e parte da família que constituiu durante sua vida no Paraguai.



Conhecer o legado deste que foi o maior cientista e pesquisador do Paraguai do século XX, é recuperar uma história rica em conhecimento sobre a natureza da região das três fronteiras

Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

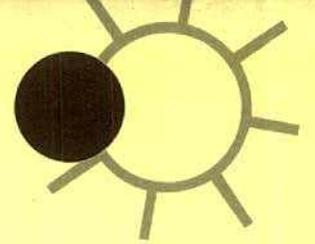
Tel: (45) 3525 0520

(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

...dentidade. Mais informações (061) 599-8040 / fax (061) 599-8045 / arevalos@itaipu.gov.py

DO IGUAÇU COMO UM DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!



espelho

Fotografia de **Letícia Lichacovski**,
estudante de Comunicação Social em Foz do Iguaçu, Pr.



a mão de enrique morán

UM CONTO DE WALMOR MARCELINO

Ao fazer a décima parada, Morán movimentou bem os dois braços e as mãos. O cansaço e o frio entorpeciam.

Àquela hora morta não é seguro andar com embrulhos pelas ruas. As roupas gastas de operário chamavam atenção das rondas noturnas.

Os pobres são suspeitos.

O último tirão fora de mais de trezentos metros e aquela aflição de logo chegar em casa exigira demais do braço esquerdo. O tendão do cotovelo ainda refletia o esforço, com espasmos.

Muito pior do que o suspeito pelo traje é o embrulho pesado, incômodo, que obriga alguém a paradas de espaço a espaço.

Morán levou a mão direita à lapela do paletó, puxando-a contra o peito gelado: o indicador e o médio contra o polegar eram tenazes vivas; não serviam como a mão com que a gente se acostuma. Os outros dois dedos, meio

recurvados e sem controle, apenas faziam massa, volume de apoio.

Decidido a tocar mais depressa, Enrique Morán agarrou volume com as duas mãos contra o peito e caminhou rapidamente. A marcha se fazia arrastada e difícil.

Abandonando a rua asfaltada, à sensação de alívio, não podia esquecer que não estava seguro. Mesmo que estivesse a salvo da ameaça policial, os olhos observavam atentos a formas mais escuras dos dois lados da rua, na procura de um indício qualquer de assaltantes.

O bairro fervia de tipos capazes de dar um pontapé ou uma porretada por quaisquer 100 cruzeiros.

A porta abriu devagar, mas a mulher perguntou: “Enrique...?”. E logo voltou a dormir, com o “eu” tão baixo e surdo que respondera. E ele se inquietou se era mesmo possível reconhecer.

Morán foi ao escaninho sobre o fogão. Apalpou o saleiro e tomou os fósforos, tirando uma chama que tremeu com a mão e caiu no fogão, não sem antes sapecar-lhe os dedos. Não sabia usar bem a mão esquerda, e a direita, entorpecida pelo frio e imobilidade, já não era de seu domínio.

Empurrou a cafeteira para o fogo.

Depois esfregou rapidamente os dedos e as juntas à procura do sangue fugitivo. Em seguida desatou o barbante, abrindo o embrulho.

Em meio à roupa de trabalho, o martelo e o esquadro, o fio-de-prumo e os pequenos pacotes de comida, retirou algumas folhas de papel. Desceu os olhos para as folhas do jornal mimeografado, em busca dos títulos. Ali estava um resumo do que acontecia

de mais importante, do que os jornais da rua não falavam; do que deveria ser feito hoje, amanhã, por cinco anos quem sabe. Ali estava alguma coisa que alimentava muitas pessoas: Era uma conversa que percorria o mundo.

Morán passou as costas das mãos pelos olhos. Por ora apenas os títulos; amanhã, cada palavra e seu sentido.

Já não era só o cansaço que amortecia os olhos; eles se umedeciam. Retomava contato com os companheiros após um ano; mais retornava à luta.

Enrique Morán, o galego. O pai, um espanhol calheiro. Enrique era claro em pequeno, “galego”, mas crestara no sol e no trabalho; era galego mais de apelido. Confundia-se com os alemães, polacos, italianos; era igual a todos os operários. O que lhe faltava no ofício de calheiro e encanador o pai dera no entendimento político. Bom, firme, porém meio passado em alto, agora que as situações mudavam. Quando trabalhou na grande fábrica, numa seção à parte, já levava a compreensão dos mundos contrários. Tinha noção exata da guerra, a guerra feroz que a trégua e as palavras escondiam.

Depois já não bastava entender que existiam dois mundos. Ou se criava um mundo à parte para eles, ou tomava-se o mundo inteiro. Morán foi encontrando respostas; a primeira estava no sindicato, onde se fazia reuniões, discutia-se muito e a pelegada levava para fora, falando como deputados.

Não era o que estava esperando. Ele continuava não sendo ninguém; só mais um a quem pediam que fizesse coisas, que ouvisse explicações, que dissesse sim. Morán era agressivo para perguntar; altivo para se chegar e procurar saber.

Morán teve o batismo do trabalho, de reuniões, de comícios, de greves. Teve o batismo de espancamentos, e prisão, quando não cabia mais se atirar contra muitos e armados, ele sozinho.

E ganhou a segunda metade da decepção: como lutar, se, de repente, eles, que eram a maioria, ficavam sozinhos, ofendidos, esbofeteados, espancados? Isolados, até que aprendessem a disciplina do cárcere e que alguns confessassem seu erro e pedissem clemência para a polícia e os patrões.

Olhou para o lado e viu Barbinha – era quase um menino em seus 20 anos -, mas parecia sereno e mesmo à vontade, apesar do rosto inchado de pancadas. Ele lhe falava ao ouvido: Estar sempre à frente. Ouviu e calou; Depois pôs-se novamente a ouvir o que o rapaz recitava como uma lição. E Morán teve uma intuição política: seria essa gente que seu pai odiava, como os vanguardistas acima de proletários e massas; aquele “sorriso histórico” do messianismo social. Pior, o inimigo do proletariado?

Na certa aquele rapaz não faria essas coisas. Ou nada sabia desses acontecidos. Assaltara bancos, reunira dinheiro, entregara a alguns chefes de doutrina para montar aparelhos, para comprar armas, para entregar em confiança a algum, para reunir, comprar, gastar, corromper-se e diluir-se no vazio da ausência de entendimento das coisas mais especiais? Eles mesmos discutiam, ali, na cela, essas coisas, com o sentimento do heroísmo, com um fraseado forte e vazio no futuro.

Não podia falar; corria o olho são à volta do quarto, sem saber onde estava. Tomou comando primeiro do corpo, depois das pernas e braços; eram grandes massas dominadas a custo; até que se apercebeu;

dominava as massas de pernas e braços, mexia o corpo dolorido. Foi com inquietação que localizou os pontos mais atingidos: o pé e o joelho direitos, o vazio da barriga do lado esquerdo cujos pequenos espasmos faziam-no mudar o ritmo da respiração. O olho esquerdo e a mão direita que sentia muito grande e bandada e a boca que continha um fermento qualquer.

A enfermeira chegou para observá-lo uns instantes; depois, desapareceu. Veio com o médico que lhe observou o olho e a boca e acendeu uma luz na garganta; depois ficou falando com a enfermeira em voz baixa.

Ali estava o homem. Nada lhe perguntava; e naturalmente sabia que viera da garagem da Polícia Política; seu tique nervoso e seu olhar fugidio demonstravam inquietação.

A enfermeira sentiu o braço de Henrique e olhou-o demoradamente. Não reagiu; ficou só olhando a espera de que ele fizesse um sinal. E a voz saiu roufenha, trabalhada pelas asperezas dos lábios e gengivas: “O que eu tenho?...” e não deixou que ela respondesse o “pode ficar tranqüilo...”.

- Merda, quero saber o que está quebrado?...

Ela baixou os olhos, devolveu seu braço a cama, cobrindo-o. Depois passou-lhe a mão de leve pela testa.

Preparava um comprimido dissolvido em água Morán entendeu que era difícil falar e que ela não lhe daria agora as respostas...

- Tome, que vai sentir-se melhor. Você precisa ficar forte depressa.

Morán teve que submeter-se mais uma vez.

As ordens e a rotina do hospital não eram quebradas como fora seu pé e sua mão esmagada. Já sabia não estar mais cego e que poderia recobrar-se para nova guerra com aqueles cinco homens. Ele só, desarmado, amarrado, seminu; eles com cassetetes,

tomada elétrica, tina d água; as ofensas, os gritos, as pancadas na sola do pé, nos escrotos... A morte ausente.

Aqueles homens eram apenas esbirros. Nenhuma coisa os norteava que não fosse exercitar-se para agradar, para satisfazer aquele que comandava; excediam-se em violência, tentando amedrontar, apavorar, retirar a última dignidade de um homem.

Os olhos odiavam a resistência do preso, sua quase indiferença pelas ameaças; seus gemidos e estertores mecânicos como se apenas o corpo estivesse atingido pelas pancadas e pelo estrangulamento.

Os ossos esmagados da mão não são memória, não se articulam mais. Enrique tem agora poucas esperanças que os exercícios pudessem acertar as coisas. Nos curativos vira o deslocamento, o vazio no que fora o carpo ligando aos dedos.

Voltar ou não voltar à garagem; ir ou não ao inferno, naqueles momentos, pesava menos do que pensar no seu trabalho. As mãos necessárias para quem tem ofícios de operário, o toque dos instrumentos, o ajuste de uma peça que vai ao lugar quando se arma e começa a montar.

A figura que guarda a porta ao lado de fora e que por vezes o espiara, lembrando que de-veria voltar a sala á sala de torturas, só causou momentânea ansiedade. Afinal, nesta guerra algum não deve ficar pensando em sua hora; ela chega quando as coisas estão acontecendo. O que Morán precisa não pensar é aquilo que sabia não ser certo, uma paixão de ofício, uma preocupação de serviço, como se somente pudesse fazer o que sempre fizera, mas que não é apenas isso que marca o operário, pelo menos não marca a determinação de um homem nesta guerra sem quartel que está preparando o final dos tempos. ☀



Walmor Marcelino era jornalista e escritor em Curitiba, Pr.

Conto reproduzido da antologia “Assim escrevem os paranaenses”, publicado pela Alfa Omega, em 1978.

O pintura “Ícone”, de **Rogério Silva**, ilustra a página 24.

ñeê palavra

yboty porã flor linda
yboty pyta flor vermelha
rõ rahata te levo
che sy'pe guara para minha mãe

panambi moroti borboleta branca
panambi poraite borboleta linda
reikova re'veve che borboleta que voa
yboty tire koemba jave no meu jardim ao amanhecer

javy'a ñane re tãme estamos felizes em nossa terra
ndaipori imbojojaha não tem comparação
hl'ãnte ko torypápe melhor, se pudéssemos, em alegria
jai ko oñondivepa viver, todos, em união

Che r'esa Meus olhos

che rohayhú che resaicha te amo como a meus olhos
che resaicha che ro ha'y hu como meus olhos eu te amo
ahã y hu'etengo ko che rêsa eu amo tanto os meus olhos
ha ke ndeve nde rê'cha porque meus olhos te olharam

sonia barreto

ohasapâma roy Já passou os dias de frio
ofini ára porã Se anuncia o tempo lindo
ojeroky kuarajhy o Sol já está bailando
opurahei pã guÿra as aves já estão cantando

che retyma grundy tenho quatro pernas
ha ndaikatuy ahue e não posso me mover
tembyu araha che ari a comida, levo em cima de mim
ha ahetu hã guere ase e dela só sinto o cheiro

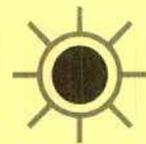


Sonia Justino Barreto, 38 anos, é auxiliar de cozinha em Hernandárias, Paraguai. A tradução livre das quadrinhas, do guarani para o português, é da própria autora.

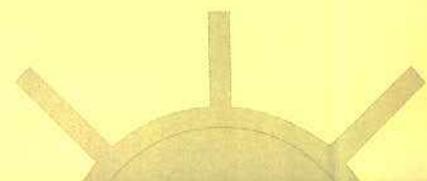


"nega"

Pintura de Lalan Bessoni, artista gráfico em Foz do Iguaçu, Pr.



olhos



thadeu paniagua

Como é que vão as coisas?

Cale a boca, coisa ruim! Você não está falando coisa com coisa. A coisa não está preta coisíssima nenhuma. Você está com muita coisa pra cima de mim, mas eu lhe peço só mais uma coisa. Deixe a coisa em paz pra ver como é que a coisa fica. Alguma coisa me diz que por uma coisinha de nada eu deixei de lhe dizer uma porção de coisas. Outra coisa: baixe neste centro mas com o espírito da coisa. Não precisa ser aquela coisa mas pelo menos uma coisa muito louca. Ou uma coisa tão estranha que, mesmo que pareça sempre a mesma coisa, seja coisa do outro mundo. Pois de todas as coisas, no fim, sempre resta pouca coisa. Ah, só mais uma coisa: a vida tem dessas coisas. E coisa que não acaba mais. Se você não concorda, o que não é lá grande coisa, escreva qualquer coisa.



Thadeu Paniágua é turismólogo em Foz do Iguaçu, Paraná.
O poema "Como estão as coisas?" foi publicado originalmente no fanzine "Mova-se", na década de 80.

SuOtel
pastelarias

FOZ DO IGUAÇU
• Rua Quintino Bocaiúva, 653, Centro
(Quase esquina com Av. Brasil)
Telefone: (45) 3572.5272
• Rua Xavier da Silva, 649, Centro
(Em frente à Prefeitura Municipal)
Telefone: (45) 3523.9101

VIRTUOSE[®]
ESCOLA DE MÚSICA
& TECNOLOGIA

Fone: (45) 8414.4368

www.escolademusicavirtuose.com.br
Av. Rep. Argentina, 1106
Centro, Foz do Iguaçu, Pr.

O melhor para você!

**mais
que barato**

DESCONTÃO
Vila Portes e Centro

LIVRARIA
**Sebo
Cultural**

COMPRAMOS, TROCAMOS
E VENDEMOS LIVROS, REVISTAS,
GIBIS, CD'S, LP'S E DVD'S.

Fone: (45) 3025-3331
Rua Jorge Sanways, 623
Centro - Foz do Iguaçu

Pequeno Tempo

três contos de **vanessa campos rocha**



As cortinas

A luz que vinha de fora, podia agora entrar pela sala e iluminá-la do centro ao fundo. A mulher, serena e com um tom leve qualquer, quase num impulso, foi abrir as cortinas tão e tanto fechadas. A luz que entrou encostou-se nela, depois a atravessou e aninhou-se a ela como para esquentá-la.

Estou mesmo abrindo as cortinas, pensava a mulher saindo de uma timidez. Que pequeno quadrado enrolado em paredes, uma sala como um copo sem água. Como eu, essa sala era um jardim sem

flor ou uma reza sem fim.

A mulher era tão séria em suas decisões que lhe doía em algum lugar. Mantinha-se tão reta, que às vezes sonhava que era curva, que era linha redonda. Que era barriga, que era círculo do começo ao fim.

- Que luz forte! Verdadeira demais. Dizia ela em voz alta.

- Já me disseram uma vez que eu falava exageradamente direta.

Eu concordei e lhe digo luz: é mais fácil ser aceita quando se é discreta.

A mulher agora tinha algo com a luz, que já deixava entrar. Não gostava mais de nada tão direto e verdadeiro. Então, deu um aviso a luz, mas sabe que afinal, cada um faz o que bem entende.

- Hoje estou feliz. Com uma vontade, uma cócega, quase me pondo a rir. Será prazer isso? E eu aqui achando que é felicidade? Ah, tanto faz, os dois moram bem perto e são marolinha boa.

Parou para sentir o que sentia. E sentiu tudo de uma vez. Depois foi deixando de sentir. Sentimento se despedindo devagar, pois tinha tanto para se fazer. Agora as cortinas estavam abertas.

A caixa

Um homem. Atravessava a rua vestindo calças modernas. Tinha cabelos ondulados e olhos pretos, suaves. Trazia um ânimo doce no peito, talvez de nome coragem. Segurava uma caixa nas mãos, com uma força que não era merecida, que era tão maior.

A dor de levá-la era pesada porque era desejo puro. Na caixa tinha o desejo de uma história longa e rica, de abundância de querer. Tinha também um talvez não, uma negativa em si, de um galho seco que não se segura e cai.

Tinha o orgulho, sem medida exata, cabendo deitado ou de pé. Na caixa tinha um pedaço de fé, uma infância de razões esquecidas, uma roça esverdeando com a chuva.

E era para ela. Do outro lado da rua, com as janelas abertas, indicando a saída, a entrada ou a bandeira branca. Esperou um milênio, com a coragem escondida, que o amor saísse da janela, de mini molduras e agora que tinha o momento, falava de mansinho com o coração arrepiado.

O desejo abre os braços, para uma preguiça gostosa, já deixando o meio do corpo para se esvaír pelas pontas dos dedos. Era tão claro, que tinha forma própria e cabia dentro da caixa.

Tocou a campainha e ofereceu o mundo. Queria levá-la para um café e era ela quem dizia o quando. Para ele poder dizer aonde. A caixa balançou de uma mão para outra, gostando do carinho.

Ela disse sim. ☀



Vanessa Campos Rocha é psicóloga, escritora e roteirista em Taubaté-SP. Os contos aqui reunidos são parte do livro *Pequeno Tempo*, ainda a ser lançado pela autora.

O entendimento

Silêncio. Era o que vivia a mulher, neste instante. Silêncio de batidas no peito, de desejos sem medidas. É que ela sentia que tinha tanto, com ele ao seu lado.

Sentia que a vida era, que a sede fora acalmada e que a alegria tinha se espalhado por todo o canto de si.

Silêncio não era solidão, era só um vazio bem cheio de ser. Era o corpo chegando aonde se desejava, enfim, no zero.

Depois vinha o ar, enchendo e esvaziando, para que a vida continue, mesmo sem precisar. Sabia que ainda tinha histórias e sentia cada pedaço seu vibrar: não é que tinha entendido o amor!

Mesmo com todas as ruas que se perdiam, os túneis que a deixavam sem visão, os buracos na estrada, as espadózias, os ipês, as cantigas, os porquês.

O amor era e sempre será.





Contabilidade e Assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br

Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

System

Manutenção
de computadores



(45)3524.0062

(45)9942.3350

raphaelbessoni@hotmail.com

imagine

cultural



Tel: (41) 3562 9018

Cel: 9946 3733

www.imagine.org.br

TEL: (45) 3025-3770

- WEB SITES
- NEWSLETTER
- CD ROM MULTIMÍDIA
- HOSPEDAGEM
- MARKETING DIGITAL
- MANUTENÇÃO



BRDIGITAL
MULTIMÍDIA

RUA RUI BARBOSA, Nº. 1032, SALA 50
SHOPPING MERCOSUL
FOZ DO IGUAÇU - PR

WWW.BRDIGITAL.COM

Um poema de Maria Theolina Welter



Dona Maria foi mordida de cobra
Gastava tudo em medicina
Quando via não tinha mais sobra
Corria depressa para a inquilina

Pedia a mensalidade antecipado
Para pagar o médico e o remédio
Fazer compras no mercado
Mas dentro de tudo existe um segredo

Passou muito tempo, dezoito anos,
E ela nunca foi curada
Houve muita tristeza e desenganos
Até que um dia, enfrentou a parada

Ela foi num curandeiro em Matelândia
Que, disse-lhe, vai nas matas virgens terra buscar
Coloque dois quilos na balança
É suficiente para te curar

Maria, o curandeiro obedeceu
Voltou para casa toda contente
Fazer a jornada e veja o que aconteceu
Foi curada completamente

Pois não é tudo que a medicina cura
Vejam o que curou esta mulher
Foi somente água e terra pura
Coragem e muita fé

O segredo de dona maria



Maria Theolina Guder Welter é dona-de-casa
e compõe músicas em Foz do Iguaçu, Pr.
Na foto, ela e as filhas em tarde musical na sítio da família.

olhos



alegria

Fotografia de **Áurea Cunha**, fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

O pé de goiaba

um conto de wemerson augusto

Com um gosto na boca de bolacha, água, sal e tubaína eu ainda cochilava enquanto o ônibus seguia seu itinerário. Novos passageiros apareciam há quase todo instante. Às vezes a genealogia das pessoas que minutos antes me deixava curioso, com pouco tempo me parecia muito normal. As casas de barro, as crianças, as terras, as senhoras e os senhores na pista, o céu estrelado e o vento noturno eu já conhecia. Sinceramente não sei de onde vem nossa amizade.

Não consigo precisar datas, horas e lugares deste encontro, no entanto, tudo era muito real e próximo. A chegada que eu vislumbrava ainda num retrato mental foi idêntica a minha recepção a simpática cidade de Abacates, ao Sul das Colinas. Uma senhora de óculos e um pouco desconfiada me dá bom dia falando para dentro. Junto com o cumprimento a atendente da pensão me olha de cima a baixo, concentrando um pouco seu olhar em meus cabelos.

Vou preenchendo a ficha.

Antes de terminar a senhora corre para atender uma voz do fundo da casa que diz: “a água ta ferveeeendo”. E eu continuava no cadastro. Maria Odília chega com uma chave daquelas de banheiro com apenas um pininho de relevo na horizontal. Folheia o caderno de hospedes e corre o olho nas vagas. De longe avistei os seguintes dizeres: “deve 15” e “deve 10” e mais alguns rabiscos.

Odília resmunga e parece não acreditar na precisão do livro ata da casa. Agora com um molho de chave em mãos me convida a conhecer o estabelecimento. Abre o primeiro quarto, o de número 11. Roupas em cima da cama, camisetas na janela e uma mala entre aberta no chão informam que ali ainda tem hospede. Odília coça a cabeça e tem a certeza da imprecisão do controle dos moradores da pensão.

O quarto 13 é o próximo. A senhora vira a chave na fechadura, mas a porta não abre. A parte inferior da porta está muito próxima do chão, impedindo o movimento. Acostumada a senhora dá um chute de leve. A porta abre como uma grande janela. Para fúria de Odília o quarto também estava ocupado. Desta vez um casal com trajes íntimos ainda curtiam as primeiras horas da manha.

A bolsa nas minhas costas a cada instante ficava ainda mais pesada e pegajosa. Numa terceira tentativa encontro um quarto aparentemente vago. “Pode ser este senhor”. Digo que sim. A senhora se despede. Abro a janela e dou de cara com um pé de goiaba com algumas goiabas no alto. Fecho parte da janela e fico me perguntando. Por que estou tanto longe deste lugar, desta casa, que parece ser tão próximo?

Qual era a minha relação com este mundo? Qual era a relação das goiabas do alto? Do retrato mental da pousada esverdeada? Dos dias difíceis que só me foi anunciado neste espaço?

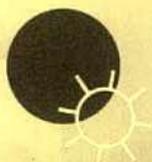
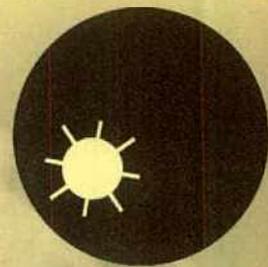
- Estou aqui rascunhando estas idéias para entender melhor um dia como tudo isso começou. Quando voltar pra casa pense melhor. Tenho a impressão que já passei por esta rua, escrevi algo parecido, vi essa pessoa ou já escutei essa história. Repito: não consigo precisar datas, horas e lugares deste encontro. Do mesmo modo, estou aqui tentando ler a fachada da pousada para refrescar a memória, mas parece ser em vão. A grande quantia de tinta, letras e riscos atrapalha a leitura. ☀

*(Abacates, Sul das Colinas,
domingo, 15 de fevereiro de 2009).*



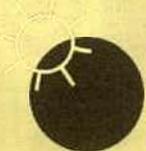
Wemerson Augusto é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

olhos



de ninguém

Fotografia digital, original em P&B, de **Jaq Gimenez**,
estudante de Comunicação Social em Foz do Iguaçu, Pr.



alana BORGES

Simplem sem saber

Que gosto é esse que eu ainda não sei?
Ele entra em meus poros, circula nas veias,
esquenta a pele e faz suspirar.
Gosto é esse que tem cheiro de tudo?
No mais nada, tem de ser uma tal indecisão,
que entra na mente e fixa no coração.
Que (in)credo é esse
que afoga e ensina a mergulhar
em águas bravas
de um rio sem medidas?

Asas

Quem já não pensou em ter um par de asas,
na infância inocente ou na idade da correria diária?
Mesmo sem asas, já imaginamos como seria bom flutuar
e na leveza ver o tempo passar,
com seu jeito puro, solto, leve, livre, só.
Como o orvalho anoitecido, sem medo nem receio.
Sem dores, males, desamores, como os vales dos sonhos.
Na realidade vivida, que nos acorda para desolar,
as asas vivas, que fortaleçam o ser de estar,
criem nossos pensamentos e nos deixem voar
nas vidas das idas e vindas.



PALAVRA

Alana Carla Hauptt Centine Borges é comerciária,
estudante de curso pré-vestibular em Foz do Iguaçu, Pr.

OLHOS

Estela Valiati é artesã e estudante de curso
pré-vestibular em Foz do Iguaçu, Pr.

PALAVRA

Alissa Gottfried é ativista, blogueira, educadora de arte
e estuda Design Gráfico em Porto Alegre, RS.



estela

VALIATI

Curitibit

malte plus orbitante magno
blutua lira pálida
clustimbo memocliss
cartumix fun lance

zine canaleta tui
duo fuin ti
caupluin tanta
desacredi tando nisso

alissa

GOTTFRIED

m'olhar

Cortes de capitancias
Claves de solium
Com'plica em ori-games
Casamentando as culturas

2001 cartas ao vento
Que chegam de avião
Preparem-nos em tempo
à semi-total renunao

Todo tempo tem mundo
E muda tudo que há
Só isso não muda
Vai ecoando a todo instante
Palavras de se pensar

Antenas descabeladas
Aladas a galgar
Por ondas poderosamente
mudas
No sentido puro do olhar!

Princípio Ativo

Quem dera fôssemos
Ainda como no Reino Vegetal
Cada qual
Com uma Propriedade Medicinal.
(Liss ao Caevro)

Abre Parenteses

No mundo de todas as possibilidades
Escolhas partem no tempo
Cora corao,
Sugere pensamento.
Você à bola da vez
Num jogo de reflexos.
Somos todos (e-)feitos
Uns para os outros.

Arti'vistas

(mercado de almas)

pares de falar
diz a besta mascarada
quer nos reificar
com toda essa incoerência mundana
...ainda posso pensar

não vistas as vendas!
ninguém precisa acreditar
nessa armao ilimitada
de limitaoes desalmadas.
anti-plutocracia reverbero
poli-eco CIRCO-LAR!

ECOAECOAE
ECOAECOAE...

Entre *bits* e microfones

É preciso lutar contra monopólios e oligopólios, diretos e indiretos, nos meios de comunicação; é importante denunciar a participação de políticos no *mass mídia*; é preciso valorizar a comunicação regional dentro das concessões públicas de mídia; é necessário qualificar o conteúdo das mensagens; e é urgente descriminalizar as rádios comunitárias.

Todas essas bandeiras foram levantadas na Conferência Livre de Comunicação, em Foz do Iguaçu. Outras tantas propostas surgiram na etapa estadual. Centenas serão apresentadas na conclusão dos trabalhos, em Brasília, quando delegados de todos os estados aprovarão diretrizes e ações para as políticas públicas e para coibir os abusos no setor.

Dentro do debate municipal, também foi resgatada a importância de veículos alternativos à grande mídia, tão antigos quanto à própria imprensa de massa. Instrumentos como fanzine e rádio comunitária sempre foram úteis para ecoar a voz dos oprimidos. Depois da internet e outras novas tecnologias, a gama de possibilidades explodiu ao ponto de deixar muita gente maluca de tanto ler para ficar “bem informado”.

Blogs, Orkut, Twitter, Youtube, Facebook, Flickr, Delicious, Digg, Meneame, Webeame, Fresqui, *webtv*, *postcad*, etc. Embora pouca gente saiba a utilidade real de

cada um desses canais, muitos acreditam que a grande alternativa para levar informação a todos seria oferecer internet – e principalmente banda larga gratuita – para toda a população. Afinal, tudo está ou pode ser incluído na *web*. Que o diga o Google.

Entretanto estamos longe desse mundo ideal. A população de internautas é formada por 65 milhões de indivíduos, incluindo aqueles que acessam a rede no trabalho, em instituições de ensino, *lan houses* e em casa. Apenas um terço da população brasileira (de 191 milhões de pessoas) tem contato com a *web* — muitas vezes esporádico e sem qualidade de conexão. Ou seja: 126 milhões de cidadãos permanecem fora do universo virtual.

Por outro lado, a inclusão digital de um terço do povo contrasta com a capacidade dos internautas de evitar o lixo cibernético e compreender as leituras feitas no monitor. Isso sem falar no analfabetismo que atinge 19 milhões de pessoas — e na incapacidade de milhões de alfabetizados de entender um simples texto de dez linhas.

Esses problemas tornam o desafio da democratizar os meios de comunicação mais complexo. Inclusão digital, interferência na regulamentação do setor, valorização de imprensa alternativa, enfim, tudo isso para quem e para quê? Como na rede, tudo parece estar interligado, no mesmo espaço e de forma simultânea. Como na fala da estudante Estela registrada na conferência iguaçuense. Ela ignorou o debate sobre *bits*, *hertz*s, frequências e concessões para extravasar a sua inquietude no microfone: “Estou aqui para denunciar a violência cometida pela direção do colégio onde estudo”. Falou e disse.



Alexandre Palmar é jornalista e dirigente sindical em Foz do Iguaçu, Pr.



Existem gráficas e gráficas
mas só uma é **IDEAL**.



45 3523 7176 / 3028 7176
graficaideal@compubras.com.br



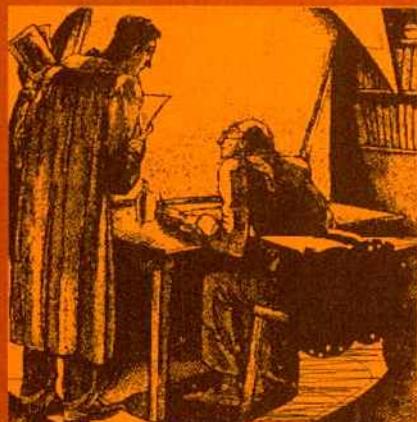
Prazer em comer bem.

ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO - AMBIENTE CLIMATIZADO

TELE ENTREGA
3025-7706
8826-7461
9116-3441

DE SEGUNDA A SÁBADO,
DAS 11:30 ÀS 15 HORAS
dendenaboamesa@gmail.com
Rua Quintino Bocaiúva, 873
Centro, Foz do Iguaçu, Pr.

leia livros



(41) 3079.9997

www.travessadoseditores.com.br



turismo - meio ambiente - esporte
cultura - gastronomia - variedades

Domingo
11:00



*Quanta energia você coloca
na preservação do meio ambiente?*



A gente coloca uma Itaipu inteira.



Itaipu trabalha para gerar muito mais do que eletricidade. São dezenas de ações que se tornaram referência na preservação do meio ambiente e na promoção do desenvolvimento e da qualidade de vida de brasileiros e paraguaios. Projetos que geram novas tecnologias, novas consciências e novas esperanças. A energia que o mundo precisa para ser sustentável.

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

